

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JOYCE MAIA ALMEIDA

SODOMA DIVINIZADA: um manifesto em favor de Botto

PORTO ALEGRE

2014

JOYCE MAIA ALMEIDA

SODOMA DIVINIZADA: um manifesto a favor de Botto

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Jane Fraga Tutikian

PORTO ALEGRE

2014

A minha mãe, e somente a ela.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado força e sabedoria para escrever este trabalho. Em segundo lugar, mas não menos importante, à minha mãe: esteio para as horas mais difíceis, companheira de todos os momentos, que “pegou junto” comigo, me ajudando a ler, me dando forças quando eu estava cansada, me carregando no colo em todos os momentos em que eu não conseguia andar sozinha, comemorando comigo os momentos felizes e me dando o suporte que eu sempre precisei. Mãe, te amo! Rinoceronte! Quero agradecer também às minhas irmãs Denize e Iara por fazerem parte tão essencial da minha vida; ao meu afilhado Théo por ser meu *sunshine*; à minha avó Edília, pois sem ela essa conquista seria impossível; a toda minha família a qual eu amo muito; às minhas colegas e amigas Mirian e Aliane, que além de todo carinho a mim dedicados durante o semestre, corrigiram este trabalho. À minha orientadora Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian pelo apoio, dedicação e orientação. E a todos meus amigos que sabem que de uma forma ou outra colaboraram para eu estar aqui hoje. Também ao Doutor Viale que durante todos esses anos de faculdade cuidou tão bem da minha saúde mental para que eu pudesse chegar sã até esse dia. A todos, o meu muito obrigado!

*“Eu só me dirijo às pessoas capazes de me entender,
e essas me lerão sem perigo.”*

(Marquês de Sade)

RESUMO

Neste trabalho, apresento o resumo dos panfletos que integram a Literatura de Sodoma, bem como as biografias de Raul Leal e António Botto. Os panfletos foram escritos nos anos de 1922 e 1923 e os folhetos de Fernando Pessoa e Raul Leal são intercalados com o folheto de Álvaro Maia e também da Liga dos Estudantes de Lisboa. Esta começou uma campanha moralizadora contra os livros da editora de Pessoa, a Olisipo, por ter publicado *As Canções*, de António Botto, e *Sodoma Divinizada*, de Raul Leal.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Raul Leal. *Sodoma Divinizada*.

ABSTRACT

In this work, the abstract of the pamphlets that integrate the Sodom Literature as well as Raul Leal and António Botto's biographies are presented. The pamphlets were written in the years 1922 and 1923, and Fernando Pessoa and Raul Leal's pamphlets are interspersed with Álvaro Maia's pamphlets and also from the Students League of Lisbon, that started a moralizing campaign against the books from Pessoa's publishing house, Olisipo, for publishing *The Songs* of António Botto and *Sodoma Divinizada* of Raul Leal.

Keywords: Fernando Pessoa. Raul Leal. *Sodoma Divinizada*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 SODOMA DIVINIZADA: um manifesto em favor de Botto.....	10
2 A VIDA DE ANTÓNIO BOTTO.....	13
3 ANTÓNIO BOTTO E O IDEAL ESTÉTICO EM PORTUGAL: Por Fernando Pessoa	15
4 ÁLVARO MAIA E A LITERATURA DE SODOMA	18
5 A SODOMA.....	21
6 AS REAÇÕES.....	24
6.1 Aos poderes constituídos e a todos os homens honrados de Portugal: Pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa.....	24
7 AVISO POR CAUSA DA MORAL.....	26
7.1 Álvaro de Campos	26
7.2 Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica: Raul Leal (Henocho).....	26
8 MAIS REAÇÕES.....	32
9 PARA OS SÓRDIDOS ESTUDANTES DE LISBOA	33
10 SOBRE UM MANIFESTO DE ESTUDANTES.....	34
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

A virada do século XIX para o século XX foi extremamente tumultuada. Muitas informações novas, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, a energia elétrica chegando e dando força nova para os maquinários e para as empresas, o que dava um novo gás para os trabalhadores virem do interior para trabalhar na cidade. A Origem das Espécies de Darwin e a Teoria da Relatividade de Einstein embaralhando a cabeça das pessoas e fazendo o ser humano evoluir. Grandes conquistas como o avião, o telefone, o cinema. E grandes destruições: A primeira grande guerra.

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.

(BENJAMIN, 1994, p. 115)

Todo conhecimento voltado para destruição. Nesse contexto nasceu o modernismo Português. E foi aqui que nasceu o Orphismo. Com um presidente recém-eleito, uma monarquia recém-caída, colônias correndo perigo por causa da guerra. Enfim, uma conjunção de fatores acontecendo no mundo e alguns poetas resolveram escrever. Fernando Pessoa foi o líder literário, daquela mistura de futurismo, dadaísmo, cubismo e outros *ismos* que foi a revista Orpheu. Pessoa mesmo fala que todos procuravam entender aquela revista, os seus porquês, se tudo era só “pura blague”. Segundo ele mesmo, eles eram Sensacionistas.

O Sensacionismo difere de todas as atitudes literárias em ser aberto, e não restrito. Ao passo que todas as escolas literárias partem de um certo número de princípios, assentam sobre determinadas bases, o Sensacionismo não assenta sobre base nenhuma. Qualquer escola literária ou artística acha que a arte deve ser determinada coisa; o sensacionismo acha que a arte não deve ser determinada coisa.

(PESSOA, 1916, online)

Segundo Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, as únicas coisas interessantes em Portugal eram a paisagem e a revista Orpheu, da qual Raul Leal participou do segundo número. Mas a Literatura de Sodoma foi também uma página importante na história literária de Portugal.

Nela, autores, poetas, pessoas importantes no mundo da política e estudantes discutiram os limites do bem escrever, da moralidade ou imoralidade dos escritores, como será visto adiante.

O objetivo deste trabalho é mostrar os dois lados desta contenda, relatando todos os folhetos da época, procurando não tomar partido de nem um dos dois lados, nem mesmo de Raul Leal, autor mais fortemente estudado. Para tanto, usa-se o próprio livro de Raul Leal *Sodoma Divinizada*, e do livro de António Botto, *As Canções*, além de todos os folhetos que foram produzidos nesta disputa.

Cada capítulo trabalhará com um folheto da briga, sendo que nos dois primeiros capítulos constam as biografias de Raul Leal e António Botto respectivamente. No terceiro, consta o primeiro folheto de Fernando Pessoa, que deu início à contenda, e no último, também de Fernando Pessoa, aquele que encerrou a contenda.

1 SODOMA DIVINIZADA: um manifesto em favor de Botto



Raul d'Oliveira Sousa Leal nasceu em Lisboa, em 1 de setembro de 1886, em um ambiente financeiramente bem favorecido. Seu pai chegou a ser diretor do Banco de Portugal. Recebeu educação esmerada: primeiro em casa, acompanhada atentamente pela mãe; depois foi matriculado no Liceu de São Domingos; e após foi aluno no Liceu do Carmo. Estudou também na Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso de direito em 1909. Ainda nesse ano, escreve seu primeiro texto, *A Apassionata de Beethoven e Viana da Mota*. De volta a Lisboa, Raul Leal advoga, e exerce o lugar de subdelegado do Ministério Público. Em 1913, escreve *Liberdade Transcendente*, seu primeiro texto filosófico e também é nele que Leal fala pela primeira vez no “vertiginismo”. Em 1914, já em posse da primeira das três fortunas que tem de direito e livre do cargo público, resolve viajar para Paris. Lá, vive opulentamente dilapidando a fortuna deixada para ele. Em 1915, é criada a revista ORPHEU que causa polêmica já no primeiro número. O segundo número sai em julho e traz o texto *Atelier*, novela vertígica de Raul Leal. O Orpheu se desfaz e Raul Leal entra em uma crise sexual que ele mesmo vai descrever como “atração estupenda por urinóis públicos”.

Escreve um panfleto contra Afonso Costa chamado *O Bando Sinistro*, com a ajuda do grupo do Orpheu, mas acaba-o divulgando sozinho: num dia de setembro o autor despeja os folhetos no café Marinho. No início de 1916, é exilado como inimigo incômodo. Depois do panfleto *O Bando Sinistro*, o melhor foi que Leal se afastasse de Lisboa. Ele então vai para Sevilha, onde sofre de uma profunda depressão. Depois de Sevilha, parte para Madri e depois

ainda para Toledo, cidade onde ele ficara por mais tempo na Espanha. Lá ficou sem dinheiro e conta que alugou um quarto numa pensão onde também fazia as refeições esperando o dinheiro que ficara de vir de Portugal. Segundo o próprio (e não existe outra testemunha do fato), para sair da penúria em que vivia resolveu fazer uso dos seus pijamas orientais que comprara outrora em Paris e se apresentar como bailarino futurista com o nome Ahlali, o Prince de la Mort (uma das obras que anunciou e nunca escreveu se chamaria Prince de La Mort, Confessions d’Ahlali). Na segunda apresentação é preso – e segundo ele deixa escrito na parede da cela o *Poeme de La Liberté*, assinado por Raoul Leal.

Raul Leal passa todo ano de 1916 e parte de 1917 na Espanha. É repatriado por intervenção do Cônsul. Em abril de 1917, sai o primeiro e único número de Portugal Futurista que continha um texto de Raul Leal: *L’Abstractionisme Futuriste -Divagation outrephilosophique-Vertige à propos de l’oeuvre géniale de Santa Rita Pintor, "Abstraction Congénitale Intuitive (Matière-Force)", la suprême réalisation du Futurisme*. Em 1920, escreveu *Antéchrist et la Gloire du Saint-Espirit: hymne-poème sacré*, dedicado a memória de seu tio Cardeal Lambruscchini e ex figura eminente no Vaticano. Em 1922, é colaborador do jornal A Palavra onde publica pelo menos dois textos: *Os Pretendidos Estadistas Europeus* e *As Origens Psicológicas do Bolchevismo*. Em maio do mesmo ano, Fernando Pessoa reedita *As Canções*, de António Botto, que viria a ser a pedra fundamental da polêmica Literatura de Sodoma. Em 1923, em resposta a Álvaro Maia, Raul Leal publica Sodoma Divinizada, pela editora Olisipo, de Fernando Pessoa, se autoafirmando a reencarnação de Henoch, pai de Matusalém. Depois da polêmica, em 1924, Raul Leal aparece como redator de O Correio da Noite, onde aparecem cerca de 20 artigos seus. Em 1927, publica na revista Presença, *A Criação do Mundo* e o poema *Messe Noire*, segunda parte de *Le Denier Testament*. Em 1928, Leal continua a publicar na Presença. No ano seguinte, ele envia à Presença o texto *A virgem-Besta* que é recusado e só vem a ser publicado anos depois quando muda a diretoria desta revista. Raul Leal publica *A Loucura Universal* na revista Athena e *Super-Estado* na revista Sudoeste, isso em 1935. Já em 1948, o autor escreve *Sindicalismo Personalista - Plano de salvação do mundo*, que tenta, sem sucesso, publicar por algumas editoras comerciais. Em 1959, Raul Leal passa a escrever na revista Tempo Presente e também para o Diário Ilustrado. Ainda em 59, aparece com um poema na antologia *Líricas Portuguesas 3 série*, organizada por Jorge de Sena. A década de 60 começa literariamente bem para Raul Leal que continua a colaborar na Tempo Presente, além do jornal O Diário da

Manhã e na revista Praça Nova. O jornal O Debate o entrevista, e é citado por Jacinto Prado Coelho no Dicionário das Literaturas. Seu livro *Sindicalismo Personalista* finalmente é publicado, pela editora Verbo. Em 1962, o poeta dá uma entrevista ao Diário Ilustrado e continua a escrever para jornais. Morre em 18 de agosto de 1964, depois de meses internado no hospital de Santo António dos Capuchos. Raul Leal é o principal personagem da nossa história, não é dele o livro que começa a disputa, mas é dele o livro principal que faz girar a contenda entre os poetas e os figurões portugueses. O livro que dá início a toda essa briga é de António Botto, vamos conhecê-lo um pouco mais a fundo.

2 A VIDA DE ANTÓNIO BOTTO

António Tomás Botto nasceu em 17/08/1897, em Concavada, Abrantes, Portugal. Filho de Maria Pires Agudo e de Francisco Thomaz Botto. Cresceu no bairro de Alfama, Lisboa, o que influenciou bastante sua obra. Recebeu pouca educação formal e trabalhou em livrarias onde conheceu muitas das personalidades literárias da época, e foi funcionário público. Nos anos de 1924-25, trabalhou em Santo António do Zaire e Luanda, na então colônia de Angola. Em 1942, foi despedido de seu emprego público. Para se sustentar, passou a escrever artigos, colunas e críticas literárias em jornais, e publicou vários livros, entre os quais *Os Contos de António Botto* e *O Livro das Crianças*, uma coleção de sucesso de contos para crianças.



Apesar de assumidamente homossexual, fato que também influenciou muito sua obra, Botto foi casado até o final de sua vida com Carminda Silva Rodrigues. A sua saúde deteriorou-se devido à sífilis, e em 1947 veio para o Brasil residindo em São Paulo até 1951, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Sobreviveu escrevendo artigos e colunas em jornais Portugueses e Brasileiros, participando em programas de rádio e organizando recitais de poesia em teatros, associações, clubes e, por fim, botequins. Em 1954 pediu para ser repatriado, mas desistiu por falta de dinheiro para a viagem. Em 1956, ficou gravemente doente e foi hospitalizado por algum tempo. Morreu em 16/03/1959, após ser atropelado por um veículo oficial na Avenida Copacabana. Em 1966, os seus restos mortais foram trasladados para Lisboa e, desde 11/11 do mesmo ano, estão depositados no Cemitério do Alto de São João. O seu espólio foi enviado do Brasil pela sua viúva Carminda Rodrigues a um parente, que o doou, em 1989, à Biblioteca

Nacional.

Sua obra mais conhecida foi a coletânea de poemas *Canções*, que além de muito elogiado foi também causador de muita polêmica no meio literário e religioso por seu cunho abertamente homossexual, o que podemos ver em um de seus poemas

Amei. E quem é que não amou?
 Dei-me a todos os prazeres;
 Quem é que ao prazer se nega?
 - Sim, jamais um prazer se rejeitou!

Mas, acabei.

Depois da juventude
 Vem a idade madura,
 -Tudo nos sabe a derrota.

Meus cabelos foram loiros
 Como aqueles,- de entre tantos que beijei,
 Como aqueles que prefiro!

Nem a vida me conhece.

Cantei. Agora, suspiro.
 (BOTTO, 1956, p. 56)

O livro recebeu elogios de Fernando Pessoa, e este o traduziu para o inglês.

Para Pessoa, Botto era um esteta, um artista com as palavras. Além de tecer elogios rasgados a Botto, Fernando Pessoa o defendia de toda a crítica que era fortemente dirigida ao poeta. Além de uma relação de admiração, existia entre os dois uma forte relação de amizade. António Botto escreveu um lindo poema de forte cunho sentimental na ocasião da morte de Fernando Pessoa.

3 ANTÓNIO BOTTO E O IDEAL ESTÉTICO EM PORTUGAL: Por Fernando Pessoa

O livro *As Canções* recebeu muitas críticas por ser considerado fortemente erótico e de cunho homossexual. Fernando Pessoa saiu em defesa de Botto escrevendo esse manifesto na revista *Contemporânea*.

Pessoa acreditava que Botto era um esteta que seguia conscientemente os ideais estéticos gregos. Sua obra se distinguia de todos os outros poetas e cabe explicar o porquê.

Nesse ponto, Pessoa começa uma grande definição de conceitos e também uma descrição do ideal helênico. Para ele, para se ter esse ideal era preciso ter consciência da imperfeição da vida. O conceito de perfeição só se dá através do conceito contrário, o da imperfeição. “É a esse conceito de perfeição, que se dá o conceito de ideal.” Para ele só havia três conceitos possíveis de imperfeição, portanto, de perfeição que lhe opõe:

- O imperfeito é imperfeito porque não é perfeito, que seria o conceito para os gregos.
- Imperfeito porque é material, que seria o conceito dos católicos.
- Imperfeito porque não existe, que seria o conceito válido para os budistas e os indianos.

O poeta atesta que a criação artística só pode vir da civilização helênica, pois é a única que pode buscar através das artes o que é perfeição. A arte quer tornar o mundo mais belo, e a arte uma vez feita, torna-se objetiva e o ideal grego é o único ideal com objetivo da perfeição. Só existe arte cristã e na Índia por haver arte grega.

Outra razão para que o ideal helênico seja o que mais conduz a criação artística é porque o homem de ideal helênico vê a vida imperfeita como ela é, porém não a rejeita. Vê nos Deuses a beleza pela qual anseia, mas é também capaz de ver no homem a mesma beleza. O heleno não pode rejeitar a imperfeição da vida, assim o seu ideal é mais trágico e profundo que o do cristão, que é metafisicamente feliz, pois pousa os olhos no divino e tem a vida como um mal transitório; e o indiano que é metafisicamente feliz, pois tendo nada, nada lhe falta.

Muito se buscou a consolação na religião, porém, a vida sendo imperfeita, é impossível encontrá-la na vida, somente aperfeiçoando a própria vida. “A arte é, com efeito, o aperfeiçoamento subjetivo da vida.”

Pessoa arma aqui mais um esquema, dizendo que são três as formas das manifestações artísticas helênicas:

- 1) (e mais alta) Vendo que a vida é imperfeita, busca a perfeição através da arte.
- 2) (média) Sentindo a vida imperfeita, busca aperfeiçoá-la nela mesma, vivendo com o espírito.
- 3) (ínfima) Decide aceitar a imperfeição.

Para Pessoa, é preciso agora distinguir o simples poeta de um esteta. Não há dificuldade em distingui-los, já que se trata apenas de aplicar com clareza a descrição do ideal estético. A primeira característica da arte do esteta é a ausência de elementos metafísicos e morais no seu ideal. Mas não uma ausência de ideias metafísicas, nem uma ausência de ideias morais. O esteta substitui a ideia de beleza, a ideia de verdade e do bem, porém dá a essa ideia de beleza um alcance metafísico e moral. Pessoa conclui que aí se distingue a obra de um esteta da obra de um poeta simples, em quem os ideais morais e metafísicos são simplesmente ausentes. Por isso Pessoa afirma que devemos caracterizar o livro de António Botto uma das “revelações mais raras e perfeitas do ideal estético.” Ele descreve o livro como altamente intelectual, onde tudo é pensado, crítico e consciente. Não há metafísica, nem interesse pelas ideias. As únicas ideias que lhe inspiram são as ideias da beleza e do prazer.

Pessoa esclarece um dos pontos mais controversos da obra de Botto: a preferência do poeta em cantar as belezas do corpo masculino à do corpo feminino. Para Fernando Pessoa, o corpo feminino, das três formas que se concebe a beleza física (graça, força e perfeição), tem somente a graça. Já o corpo masculino compreende a graça e a força, já que a perfeição só aos corpos de Deuses é possível tê-la. Para ele, se o homem guiar-se pelo instinto sexual, cantará o corpo feminino. Porém, como bom esteta, Botto só poderia cantar o corpo masculino, pois o esteta se guia tão somente pela beleza. Esse era o pensamento dos gregos, e também o pensamento de António Botto, segundo Pessoa.

Pessoa retoma o pensamento de que Botto se afasta da moralidade por que canta a beleza física e que se afasta da imoralidade no modo que canta o prazer. Para ele, em mais uma de suas tripartições, só há três atitudes possíveis com o prazer: aceitá-lo, rejeitá-lo ou aceitá-lo com moderação. O prazer pode ser aceito como alegria, e esse seria um modo moral, pois é natural. Pode ser aceito como excitação, e é um modo antinatural de aceitar o prazer. E aceitá-lo como prazer, nem alegre nem triste, simplesmente como a única coisa que possa encher o vácuo da existência. E é dessa maneira que o prazer é expressado no livro *Canções* de António Botto. O livro é classificado por Pessoa como um hino ao prazer, um prazer que não está a serviço da alegria, nem está para curar dores, mas para preencher o vácuo espiritual.

Já se direcionando para o fim de seu artigo, Pessoa esclarece que a importância do fato de Botto ser um esteta. Ele diz ser isso um fato raro na civilização cristã e até *Canções* ser publicado, isso era um fato desconhecido em Portugal. Ele explica que o ideal estético é uma das formas (a mais tênue e vazia) do ideal helênico e por isso mesmo é a mais representativa delas. Diz ainda que para aparecer um esteta precisaria ter um meio social semelhante ao grego, e como a Europa e Portugal daquela época não poderiam ser mais diferentes da Grécia antiga, isso deve ter se dado através de um desvio patológico. E esse desvio patológico é equilibrado, já que todos os ideais gregos são equilibrados e harmônicos. Sendo assim, esse desvio patológico só pode ser gênio ou talento. Ele diz que no caso do poeta de *Canções* é o talento. Ele reafirma que *Canções* é uma obra de talento, é um exemplar único do ideal estético na literatura europeia, principalmente em Portugal. E encerra dizendo: “Artistas tem havido muitos em Portugal; estetas só o autor de *Canções*”.

4 **ÁLVARO MAIA E A LITERATURA DE SODOMA**

Álvaro Maia era um jornalista formado em Letras de 35 anos, tradutor e revisor de jornais. Após três meses do artigo de Pessoa, a questão do livro de Botto é desperta quando o jornalista responde ao artigo de Pessoa dizendo que o livro de Botto não tem nada de bom e não quer nada além do que fazer escândalo. Maia abre seu artigo com uma introdução pedindo que Deus esteja com ele nessa “incurção a Sodoma”. Diz que o assunto que vai tratar é repugnante, mas que é preciso falar sobre ele. Começa então a tratar de Fernando Pessoa, a quem diz ser um grande de sua época, e relembra o artigo que Pessoa escrevera sobre Botto há um tempo naquela mesma revista (Revista Contemporânea). O letrado diz que é com espanto que viu Pessoa falar tão bem de “escorralhos nauseantes da esterqueira romântica”, que Pessoa buscou do esquecimento um livro que é um pus literário, sem arte nem beleza, e ainda colocou-o no mesmo grau dos Gregos, tratando do autor como um esteta. Álvaro continua dizendo que sente piedade de Pessoa e que é desolador que o mesmo não sinta respeito pela sua própria inteligência.

Álvaro começa o próximo parágrafo citando Winckelmann, que já fora citado anteriormente por Pessoa, que diz que a beleza masculina é superior à beleza feminina. Maia diz que isso nada tem a ver com o livro em questão, já que o autor deste livro “não vai além do orgasmo invertido”. Maia continua dizendo que admirar a beleza plástica masculina é normal, mas confundir isso com desejo pelo outro sexo é outra coisa, que isso é desprezível. Acrescenta que esse esteta citado por Pessoa, não tem senso do que é beleza plástica e sim a tentação pela anormalidade sexual. Pergunta ainda se é estético o culto por bestialidades e se é entusiasmo pela beleza masculina procurar no homem atributos femininos, sendo estes antinaturais.

Álvaro Maia fala que para os Gregos, o homossexualismo não era estético e sim se confirmava através do discurso de Platão em “O Banquete”. Ele diz que assim, para o filósofo o homossexualismo tinha base metafísica, o que era risível. Álvaro prossegue dizendo que para os Gregos a forma perfeita de beleza era feminina, já que ela era representada por Afrodite, e que os homens e as mulheres são belos entre si e que são incompletos em relação um ao outro. Ele continua dizendo que apesar de tudo que fala Platão em seu Banquete, o homossexualismo para os Gregos era só uma forma de libido, e que eles a desprezavam-nas, pois do homossexualismo

provinha à pedofilia. O jornalista diz que pelo que já foi falado, é comprovado que nem entre os Gregos, nem a respeito de Botto havia sintoma de culto pela beleza masculina. Culto este que segundo Maia requeria pureza de ideias. Segue dizendo que os Helenos e os Romanos davam aos “invertidos” qualidades que não afiançavam-lhes em nada o culto pela beleza masculina. Lembra ainda que os Romanos através da Lei Scantinia flagelavam os homossexuais. Maia faz uma referência a dois poetas gregos, Anacreonte e Teócrito que escreviam poemas de amor e de cunho homossexual – e diz que não citará nenhum trecho, pois sua moral e sua religiosidade não permitem. Aqui, o letrado diz que os romanos, discípulos dos Gregos e aperfeiçoadores em tudo, condenavam os homossexuais. Para saber disto, bastava ler Séneca ou Juvenal. Maia demonstra mais fortemente sua opinião sobre os homossexuais chamando-os de “miseráveis”. Diz que “os estetas do Sr. Pessoa” não passam de “rebotalhos de uma geração” e que a estética deles, voltada a adulação do corpo masculino não passa de monstruosidade, “fora de todas as leis da natureza”, ainda diz que o único que o livro de Botto tem de especial é ser uma porcaria.

Álvaro Maia continua seus ataques a Pessoa e a Botto, dizendo que tanto a publicação de um, quanto o artigo de outro era uma imundície e uma “manifestação da podridão romântica”. Critica ainda o romantismo e diz que a literatura sempre foi o maior veículo de “miséria moral”. Ainda diz que Erasmo de Rotterdam tinha razão ao dizer que a loucura era a rainha do mundo. Dando continuidade a seu embate, Maia coloca Pessoa como protagonista do seu protesto, dizendo que este mais do que Botto tem culpa por ter trazido a questão do esteta à tona. A crítica de Álvaro continua dizendo que se de um cidadão inteligente e sensato como Pessoa ouvimos que para ser esteta é necessário ser pernicioso, o que é possível esperar daqueles que mal tem estudos e que só vivem de fazer crítica nos periódicos. Ainda acusa que a declaração, segundo ele repugnante, de Pessoa advém do desejo patológico de fazer escândalo e que isso é sintoma de um romantismo ainda incubado, tanto em Pessoa quanto em Botto. Apesar das críticas, Maia reconhece Pessoa afirmando que este tem talento, enquanto o outro (Botto) está “sujeito à clínica de especialidade”. Volta a falar do Romantismo, comparando a obra de Botto ao mal do século, a Byron e a Chateaubriand, a quem chama de “incestuosos mentais”. Diz ainda que o autor traz apologias homossexuais, e que para ser helênico, era preciso colocar no mesmo pé de igualdade a beleza feminina. Diz então que o autor em questão é um romântico e não um romano, um ser não inteligente, uma podridão romântica.

Álvaro começa a falar sobre a pobreza intelectual a que ele acredita que Portugal está

entregue, que o receio de parecer ultrapassado tem levado os portugueses a aceitarem toda a sorte de pseudointelectuais e isso se dá pelo seu agnosticismo que vem “da sua ignorância como também do seu culto pelo vil metal”. Continua relatando sobre a falta de fé de Botto e seus seguidores, que para eles Deus só existe para poderem zomba-lo. Inteligência pra eles é sinônimo de instinto desenfreado, Cristo veio a Terra por nada e os apóstolos seriam um bando de enfadonhos. Ele questiona ser esse o estado intelectual de Fernando Pessoa, e como uma sugestão, diz que há coisas na vida que não se devem zombar. Acaba questionando, “depois da morte, Sr Fernando Pessoa, o que será deles e de quem tiver desprezado trazê-los à *diritta via*?”.

5 A SODOMA

A próxima edição da revista Contemporânea foi muito aguardada pelos que esperavam uma resposta de Fernando Pessoa. Porém estes ficaram decepcionados quando somente uma errata do poeta saiu publicada na revista. Raul Leal, então escreve seu primeiro artigo sobre a contenda, no jornal O Dia de 16 de novembro de 1922 e tinha por título *António Botto e o Sentido do Ritmo*, onde considera Botto um dos grandes da poesia do século. Em 1923, Fernando Pessoa ainda não havia respondido o manifesto de Álvaro Maia, o que deixou Raul Leal descontente. Foi então, convencido de que era a reencarnação de Henoch, pai de Matusalém, e de que poderia divinizar Sodoma, que Leal escreve um manifesto chamado *Sodoma Divinizada (Leves Reflexões Teometafísicas Sobre um Artigo)*.

Sodoma Divinizada (Leves Reflexões Teometafísicas Sobre um Artigo)



Leal começa o texto criticando Álvaro Maia, inclusive o seu físico, de uma maneira irônica e sarcástica. Ele segue, citando o seu artigo de 16/11/1922 que saiu na revista O Dia, onde disse que Botto é um verdadeiro criador. Então Leal, diz que não é para defender o autor das *Canções* que escreve este texto, pois o próprio livro *As Canções* já fala por si. O intuito de Raul Leal era atacar Maia nos termos em que o próprio havia atacado Botto. Ai começa a parte polêmica de seu manifesto. Ele coloca a pederastia e a luxúria tão execrável para Maia em coisas divinas. Ele diz que como Maia não é capaz de senti-las as ataca. Que impingir a razão é negar Deus, pois Deus é infinito. E sendo Deus infinito, Deus também está na luxúria, na pederastia.

Raul Leal começa a falar sobre a Vertigem, vivência lúcida e integral de todas as coisas que foram dadas ao homem. Pra ele “tudo é infinito, só o infinito existe, só existe Deus...”. Tudo

é impreciso, a natureza é imprecisa, apesar de tentarmos determinar tudo com a razão. Tudo é Vertigem, a Vertigem é a suprema “imprecisão antirracional”. A Vertigem é de Deus, é Sagrada. Na Luxúria, existe a bestialidade, e a bestialidade também é Vertigem, por isso a Luxúria também é obra de Deus. A luxúria é a manifestação mundana de Deus, e o erotismo é a extrema intensidade do culto estético. O erotismo e a luxúria são a extrema intensidade do esteticismo puro. O simplesmente belo é limitado por natureza, já o Sublime não tem limites. Só conhece o Infinito, que é Deus. Mais uma vez aqui, ele incita Maia, dizendo que nem só o que ele acha belo é realmente belo, mas há também beleza na dor, no grotesco, no monstruoso, na bestialidade. É no mundo, cheio de aberrações e bestialidades que Deus se apresenta como tal. “Só através de bestialidades puras se atinge o Sublime dos Céus.”

Aqui ele coloca alguns nomes de santos que, segundo ele, alcançaram Deus através da besta. São Jerônimo, Santo Agostinho, Santa Teresa de Jesus e Maria Alcoque. Além disso, ele cita que toda sorte de êxtases dos ascetas são oriundos da bestialidade e da Vertigem. E ele reafirma que a luxúria é a extrema intensidade da arte, que apesar de nem todos os artistas serem adeptos da luxúria, não quer dizer que ela não seja Sagrada. E se o mundo é Sagrado, já que provém de Deus, a luxúria também é divina e Sagrada, pois provém de Deus. E como nós também viemos de Deus, nós também somos Sagrados, com toda a nossa bestialidade, com todos os nossos erros. Tudo que é puro não é concreto, é abstrato em si próprio. O mundo é concreto, portanto não pode estar em Deus, que é abstrato e puro em si. É necessário que o homem e o mundo se encontrem com sua própria essência, que Cristo, a encarnação do Verbo, nos mostrou como fazer. Nós hoje nos tornamos alheios a Deus, mas podemos viver de acordo com a essência de Deus. O luxo, a devassidão, a luxúria terrena são sacrilégios, mas o “mesmo não pode se dizer da pompa da Igreja e dos êxtases luxuriosos dos ascetas.” Tudo que não está em Deus é pecaminoso, é sacrílego. A arte, a luxúria, a ciência, quando se dão apenas aos meios terrenos são consideradas não espirituais, já em compensação, tudo que é feito em Deus é Sagrado. Tudo que se realiza no Espírito Divino está de acordo com Deus. É aí que a luxúria e as bestialidades entram: se elas estiverem de acordo com o Espírito Divino, elas estão ao lado de Deus. Nesse ponto, Leal coloca junto, no mesmo grupo da luxúria e das bestialidades a pederastia, quando “divinamente sentida.” Para ele, a pederastia reestabelece a unidade da divisão do mundo entre dois sexos. A separação dos dois sexos foi “obra da serpente”, a unidade entre os dois sexos é a unidade no próprio Deus, a vida deve seguir com a união entre os dois sexos, por isso a

pederastia também é obra de Deus. Se quisermos atingir a plenitude de Deus, devemos unir os dois sexos. Ele coloca a pederastia em melhor lugar que o safismo, pois a pederastia é a “mais alta manifestação de virilidade.” Ele ainda cita aqui que grandes guerreiros foram pederastas, assim como padres católicos. Mas isso não é uma blasfêmia, é antes disso, uma “manifestação da força Divina.” O poeta continua dizendo que o amor entre os dois sexos é artificial, superficial e não une dois seres num só. Só a pederastia traz a fusão de dois seres num só, só ela pode estabelecer a unidade pura e essencial de Deus. Leal adverte que existem pederastas inferiores, mas desde que o pederasta esteja em contato com Deus, ele torna aquilo que faz divino. Para ele, aqueles que não se sentem pederastas estão alheios a sua própria substância.

Neste parágrafo, Raul Leal começa a falar de Sodoma, que a cidade foi justamente queimada por não haver nela Deus. O pederantismo dos sodomitas era vicioso, cometido com os anseios da terra, e não com as forças divinas. Portanto “Sodoma não foi condenada às chamas por ser viciosa, mas por não ser misticamente viciosa.” Para Raul, tudo que não era feito em favor de Deus era condenável. Um pai de família poderia ser tão condenável quanto um pederasta, se não erguer sua essência ao Senhor. É imprescindível que tudo que se faça, se faça misticamente em nome de Deus ou tudo será condenável. Ele diz que caso se mistifique, Sodoma diviniza-se.

Aqui Raul Leal volta a António Botto, dizendo que ele não é o ideal luxurioso e pederasta místico esperado por ele. Mas é que nesses tempos de coisas terrenas, onde tudo é profano, fica difícil até para almas místicas como a dele encontrar Deus. Ele encerra o texto reforçando que todos –pederastas, homens de família, escroques- são iguais perante Deus se não estiverem de acordo com Deus. E acaba dizendo “Criem-se templos de luxúria em que esta tome uma feição litúrgica e só então há de surgir o verdadeiro sensualismo mítico que há de exprimir a divinização do mundo, a divinização de Sodoma estabelecida exaltadamente pelo Verbo e pelo Espírito Santo de Deus!”

6 AS REAÇÕES

O mais impressionante é que quem mais se impressionou com os impropérios de Leal foram os jovens. Poucos dias depois de Sodoma Divinizada sair, a *Época* publicava uma notícia que falava em repugnância, infâmia, decadência moral e outras coisas do gênero e ainda cobrava atitudes das autoridades. Também dizia que alguém tomaria providencias. E quem tomou foram os estudantes que se reuniram e fizeram uma grande ação moralizadora encabeçada por Pedro Teotónio Pereira.

Esse mesmo rapaz, Pedro Teotónio Pereira concedeu uma entrevista falando sobre a conscientização moral e falou sobre alguns assuntos como por exemplos: que já andavam assustados com a falta de vergonha, inclusive eles viram que as autoridades não estavam fazendo nada. Que há muito por fazer, mas pretendem começar por esses moços desavergonhados com maneiras femininas e elegâncias. Que, além disso, pretendem acabar com essas livrarias, editores, poetas de Sodoma, pois a polícia nada faz.

Nos primeiros dias de março, é ordenada a apreensão de alguns livros imorais, *Sodoma Divinizada* e *Canções* da Olisipo são recolhidos. No dia 6 de março, a Liga da Ação dos Estudantes de Lisboa é recebida pelo governador civil e em seguida distribui um manifesto, que saiu publicado na Revista *Época*.

Em geral, o manifesto dizia que o governador simpatizava muito com as ideias deles e que por isso tinha mandado recolher aquela literatura de Sodoma. O manifesto terminava assim: “As Escolas Superiores de Lisboa podem orgulhar-se de ter iniciado ontem um dos mais belos movimentos dos últimos anos.”.

6.1 Aos poderes constituídos e a todos os homens honrados de Portugal: Pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa

A Liga começa amedrontando os leitores sobre a situação de Portugal, e dizem que a eles, claro, cabe falar da moral. Consideram que do dia para noite acabaram os limites entre o bem e o mal. Mascarados entre farrapos humanos estão falsos escritores. É contra essa aversão a moral que eles vem gritar, é preciso que venha logo a reação da mocidade.

Depois desse manifesto dos estudantes, as livrarias faziam de conta que não vendiam os livros que eram proibidos, mas às escondidas, continuavam a vender os exemplares. Ficou-se sabendo pela revista *A Época* de 28 de março que a Liga teve notícias disso e foi até uma das livrarias e pediu um dos livros. Quando o livreiro voltou o próprio Pedro Teotónio Pereira advertiu o livreiro. Fernando Pessoa inspira-se e acaba por escrever outro manifesto, desta vez assinado por Álvaro de Campos, datado de Europa 1923. Já Raul Leal publica outro panfleto chamado *Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa* e o descaramento da Igreja Católica. Os estudantes ainda escreveram um manifesto contra Leal, que se perdeu. Depois disso, Fernando Pessoa, se achando no papel de quem começou a contenda e quem precisava termina-la, escreveu o panfleto *Sobre um manifesto de estudantes*.

7 AVISO POR CAUSA DA MORAL

7.1 Álvaro de Campos

Fernando Pessoa, ou Álvaro de Campos, já começa zombando dos jovens, dizendo que eles resolveram moralizar as pessoas no intervalo em que deixavam de dizer obscenidades às senhoras. Ele continua dizendo que ser novo é mandar as opiniões as favas e ser velho é ser cheio de opiniões. Diz pra estudarem e viverem e calarem-se. Mais uma vez ele provoca os jovens dizendo que eles podem se divertir com mulheres ou de outra maneira, se é isso que eles preferem. Mas de resto fiquem calados. Porque só há duas maneiras de se ter razão, e aos jovens convém ficar quieto.

7.2 Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica: Raul Leal (Henocho)

Leal começa falando que não tem o prazer de conhecer Teotónio Pereira, e que este está preparando uma nova cruzada contra os “devassos heréticos”, e que sendo Leal mais um deles, imperturbavelmente espera o martírio. Ele cita que Pedro Teotónio foi presidente da Associação Acadêmica, e está procurando reunir jovens puros a sua volta, para com eles travar uma batalha contra os inimigos impuros, que como Leal, insultavam a Deus.

O poeta continua falando que nos tempos de estudante não sabia o que queria da vida, tudo era imperfeito. Imagina que as coisas não tenham mudado muito. Portanto, ainda hoje os estudantes devem ter as mesmas angústias. Por isso, ele aconselha que Teotónio Pereira e os estudantes vão meditar, estudar “com o fim de formarem seu espírito, para só depois de ele estar preparado agirem para a Vida, só então a podendo compreender?” Leal prossegue dizendo que sabe que os dias são outros; que é impossível se manter quieto. Contudo, o melhor para mentes jovens é meditar e estudar para que não se achem ridículos no futuro por agir em desacordo com a idade que tinham. “A vida hoje é complicadíssima”-dizia ele, e portanto, difícil aos espíritos mais jovens. Ele então os aconselha: “estudem, estudem muito, o máximo que as circunstâncias

atuais permitirem, e depois então, apareçam”.

Aqui mais uma vez Raul Leal prega a sua ideia de que as perversões sexuais só são indignas se não forem divinas e só estiverem pensando no vício. Ele diz que não é tanto na vida sensual que a moralidade ou imoralidade pode se manifestar, e sim nas relações sociais. Se um homem for devasso, porém digno, merece o mais profundo respeito. Ele continua dizendo que só se pode mostrar dignidade na vida tendo uma vida longa e difícil, coisa que os estudantes ainda não têm, e, portanto não sabem se serão sempre dignos. Só poderão empunhar a insígnia da moralidade quando digno eles mesmos forem e exemplo dessa vida digna. Para Leal, eles mal viveram, portanto não sabem se serão dignos um dia de defender a moral.

Aqui, Leal fala no Baile da Graça que ocorreu em 1922 e que era só para homens. Homens fantasiados de mulher, homens beijando homens. O Baile foi interrompido pela polícia que foi lá prender os participantes. Leal diz que o Baile da Graça merece a mais profunda repulsa, pois trata o vício e a perversão só por eles mesmos e não como uma coisa digna e divina. Ele diz que não foi ao baile e se tivesse ido, seria só para estudar as almas torpes. Para ele são esses tipos que desacreditam o vício e a perversão, tirando-lhe a alma.

Cita o seu estudo *Sodoma Divinizada* com essa passagem: “Criem-se templo de Luxúria em que esta tome uma feição litúrgica, e só então surgirá o verdadeiro sensualismo místico que há de exprimir a divinização do Mundo, a divinização de Sodoma estabelecida exaltadamente pelo Verbo e pelo Espírito Santo de Deus!”

Raul Leal cita o Olympia, o Moulin Rouge, o Bal Tabarin, o Palmyro e outros lugares semelhantes como nojentos, pois não é da maneira deles que se exerce o vício da maneira correta. Para ele seria preferível então à devassidão de Gilles de Rais, pois nela, existe a grandeza do elemento mítico. Ele afirma que posto o contrário, o mesmo é abominável, pois Leal não é satanista, mas prefere uma missa negra às bambochatas porcas e torpes de Montmartre. Para ele, a grandeza ainda que no mal é sempre grandeza, mesmo o que tem de horrível e abominável nas práticas satanistas é o que torna essas enormes. Ele diz que o único ponto em que esta de acordo com Lutero é quando este diz: “Não peques, mas, se pecares, peca ao menos fortemente”. Leal afirma aqui, o seu gosto pelo excessivo.

Raul começa colocando suas “imoralidades” entre aspas, dizendo que são bem diferentes daquelas desprezíveis do Baile da Graça. Afinal, compreende o vício superiormente e segundo ele, “nunca vendi a carne e o espírito”. Portanto pede respeito para o seu caráter e sua

inteligência, embora o condenem nos vícios, o que considera absurdo.

Leal diz que um exemplo de moralidade para os estudantes portugueses é a sua vida. Que por quatro anos passou fome, frio e todo o tipo de necessidade na Espanha, mas que mesmo assim, não desistia de estudar na biblioteca de Madrid, que a metafísica fazia-o esquecer de seus problemas. Ele fala que sacrificou sua vida de sensualidade bestial para viver uma vida de simples “onanista”.

Leal relembra o passado, dizendo que na casa de seus pais foi criado com muito luxo, e que naturalmente queria manter-se assim. Para tanto, cometeria até as maiores calúnias e difamações para continuar a ter essa boa vida, pois ele era muito ambicioso, e tinha uma cobiça desenfreada. Ele diz que destruiu tudo isso dentro dele, pois só com mentiras, calúnias e difamações poderia manter essa vida, então para manter sua dignidade preferiu a miséria e a fome.

Leal faz mais uma regressão e conta, que antes dos quatro anos de sofrimento por ele passado, ele andava com amorais, mas ele colocou suas teorias em prática e então se tornou um puro. E viu Deus. Ele continua falando de seu tempo de penúria, em que preferia ser puro de mente e espírito do que aceitar certas propostas que recebia, como por exemplo, de servir a República, ou de assinar papéis como advogado. Ele diz que ainda preferia a fome e a miséria, por confiar absolutamente em Deus. Ele fala ainda de quando era estudante, e queria ser o primeiro aluno, mas acabava por ser o último e o quanto isso o deixava irritado. Mas ele não sentia inveja ou despeito, sentia sim, uma dor no peito, e tendências ao suicídio. Inclusive, este estado diz que pretendia tratar no drama metafísico *O Incompreendido*, drama este que não chegou a sair da cabeça do autor.

Leal escreve um parágrafo todo de sua peça nunca realizada *O Incompreendido*, e fala que assim como o protagonista do seu monólogo, ele muitas vezes sentiu-se falhar. Que foi grandemente ultrajado e sofria, mas sem rancor. Que não era covarde, nunca foi covarde, mas sentia-se tão amargurado com as injustiças alheias que acabava por convergir todas as atenções para ele próprio e o que havia de horroroso e humilhante na sua situação. Para ele, isso só prova que a sua alma jamais se cobriu de rancores, só prova beleza de caráter. E se hoje ele reage a alguma coisa, é porque já se faz senhor de si. E continua dizendo que só procura pra zeres frívolos e mundanos por não poder alcançar suas altas ambições. Que o vinho, o jogo e o deboche são só uma carcaça de uma vida pura, de um verdadeiro sofredor. É aí para ele, que os estudantes

portugueses têm verdadeiramente um ser moral. Leal diz que só pretende ensinar aos estudantes e não ataca-los, pois por eles nutre a maior simpatia, já que eles são o Futuro.

Leal divaga sobre a sociedade, dizendo que é impossível defender o direito de organização de sociedade como ela existe, pois não se pode defender uma organização social que no fundo, não se sabe o que é. Mais uma vez ele fala da vertigem, que tudo na vida é incerto, é indefinível, vertigoso; que a “Vertigem é o Infinito que é o Indefinido Absoluto. Se nas cousas existe o Infinito, é que elas são indetermináveis por natureza, é que a sua essência é a Vertigem”. Depois dessa pequena interferência para falar sobre Vertigem, Leal segue sua divagação falando de sociedade. Ele fala que a sociedade está em constante evolução, por isso, só pode vagamente defender sua organização. Que o chefe de Estado que quiser colocar “chapas fixas” a sociedade estará errado, por ela estar em constante evolução. Que um dia ainda há de se atingir um Estado definitivo em que “a eternidade e o Infinito sejam vividos puramente”, mas ainda é cedo para isso, pois ainda temos limites, e tudo evoluirá até que atingiremos o Infinito, que é quando atingiremos o Estado eterno.

Continua falando em sociedade, só que muda seu foco dizendo que nas organizações sociais, mesmo nos grandes períodos, aparecem elementos de mudança, ele chama de “germes duma nova organização futura”, que pode ser superior a que passou. Esses “germes” de que ele fala, vão se acentuar em tempos de decadência, que para ele são fases transitórias. Só existe decadência porque as novas criações ainda não têm forças. Para o poeta, isso estava acontecendo no momento, eles estavam mantendo o que já estava se destruindo ao invés de cultivar os germes da mudança. É o que ele pretendia: demolir para criar. E para ele, suas criações assegurariam em Deus a eternização do Homem, sem necessitar da procriação: “porque a nossa existência não é só a vida”...

O escritor volta ao assunto da polêmica com Sr. Teotónio Pereira, dizendo que na verdade, esse é um movimento imoral, e ao contrário do que dizem os seus participantes, é sim, recheada de interesses. Eles que se dizem moralistas, são na verdade imorais, pois as coisas do alto só podem ser tratadas com o mais profundo desinteresse, porque senão se trata de uma profanação. E eles só pensavam em pequenas vaidades e realmente no que era divino e espiritual. Mas para Leal, por trás dos falsos moralistas, ainda existia uma força maior por trás de toda a polêmica: a Igreja Católica. Para ele, a Igreja explorava a vaidade dos seguidores de Pedro Teotónio Pereira, e a imbecilidade do público. Foi depois do lançamento do seu folheto *Sodoma Divinizada* que

definitivamente começou o movimento moralista. Ele argumenta que em seu folheto, defendia uma tese “metafísica e teológica”, que para Igreja era considerada blasfêmia e heresia. Então, a igreja, que viu um rebelde em seu encalço, segundo Raul Leal, decidiu agir, e colocou para seus fins a vaidade dos comandados por Teotónio Pereira e a aleivosia do Estado contra ele. Aqui ele reclama do Estado e da imprensa Portuguesa, por conta do acontecimento dos livros apreendidos.¹

Leal começa se queixando de seus contemporâneos pela falta de apoio no caso dos livros apreendidos e na polêmica da literatura de Sodoma. Ele atribui esse silêncio a inveja, por António Botto, Fernando Pessoa e ele serem superiores, por ele ser superior, e pela obra deles ser superior. Ele diz: “vamos ver quem vencerá, se os senhores com a sua força amorfa e falsa, se eu sozinho, com o meu Grande Poder interior de pensamento e emoção!”. Leal continua, dizendo que irá publicar uma novela cujo desenlace lançaria um desafio a Igreja Católica e a “sórdida sociedade burguesa de ignóbeis”. A novela se intitularia *O Demônio da Vida – Três Aventuras Célebres do Garoto de Lisboa*. A novela também nunca chegou a sair do papel, mas ele encerra esse manifesto com o que seria o epílogo dela. Transcrevo aqui integralmente o epílogo.

Sem dúvida não é a violência terrena, efêmera, duma luta gigantesca de músculos e nervos que eu verdadeiramente defendo. Eu ultrapasso a terra e a vida para ansiar com todo o poder mágico da minha alma, que é um abismo profundo de além, a violência abstrata e astral dos céus. Tudo o que é concreto, terreno, limitado é, no fundo abominável. O poder e a força só são infinitos, só são puros quando não se concretizam na vida, quando são puramente em si, surgindo como pura abstração. É nesse instante supremo que se divinizam... a morte e toda a vida, tão puramente, tão carnalmente intensificada que é só vertigem abstrata de além. Vida infinita é Vida-Abstração que é a Vertigem-Luxúria de Deus...

Entretanto nas cousas da terra prefiro a violência espontânea, bárbara, aos acanhados, estreitos artifícios duma existência burguesa. Esta é imensamente mais limitada, mais longe do infinito, do que a violenta existência selvagem, e por isso profundamente a detesto e a abomino. Não quero ocupações de Terra, mas se alguém tivesse de exercer, preferia mil vezes tornar-me bandido a ser negociante ou ignobel agiota.

E por felicidade a barbárie espalha-se hoje pelo mundo.

Porca sociedade burguesa. Teu reino está a findar...

Os novos bárbaros, que hoje devastam a Vida, serão os astros gloriosos que iluminaram o futuro... o prometaico personalismo deles, cheio de ânsias bestiais que procuram arrebatar quase o Universo todo em convulsões, intensificar-se-a infinitamente, forçando Deus a descer as almas para as onipotenciar em vertigosa violência astral. E então a humilhante, a carcomida Igreja Católica, que tem por missão despersonalizar os homens, dissipar-se-á por fim nas trevas dum aniquilamento total... outra Igreja mais pura surgirá na Vida para que os homens de Vertigem se tornem Deus. Defendo uma

¹ Depois da publicação de *Sodoma Divinizada*, o mesmo e o livro *As Canções* de António Botto, foram apreendidos, além de *Decadência* de Judith Teixeira.

Teocracia universal para que todas as monarquias da Terra se devam encaminhar. Mas a alta missão dessa Teocracia é dar a cada ser a onipotência divina, pelo que ela gera também essencialmente a mais pura Anarquia. A personalidade, divinizando-se, atinge o paroxismo da força, do poder-liberdade, poder-vertigem que os anarquistas sonham.

Esta sublime Teocracia Anarquizadora nunca a Igreja Católica poderá compreender. Por isso eu, sendo monárquico e da forma que exponho, considerando as monarquias livres inspiradas por Deus, a preparação altíssima da Teocracia universal paracletiana, não sou porém católico, nem mesmo cristão. A minha religião é outra mais poderosa. Quero fundar o terceiro reino divino que é o reino da vertigem ou do Espírito Santo, sagrado paraclito de Deus e da Vida...

A Igreja Católica presente já as minhas intenções e portanto uma surda perseguição tem feito sempre as minhas obras santas. Mas a excomunhão sacrílega que do Vaticano me for lançada, sobre toda Igreja Católica há de cair impiedosamente. Se o Papa me excomungar, eu excomungo o Papa.

(LEAL, 1923, P. 124-126)

Ele assina mais uma vez como o Profeta Henocho.

8 MAIS REAÇÕES

Logo depois desse panfleto, os estudantes portugueses escreveram um manifesto, que só se tem notícias pelos comentários feitos por Raul Leal e Fernando Pessoa. Leal foi chamado de louco no manifesto e responde o chamando de “papelucho”. Leal escreve mais um panfleto, agora com um tom nada amistoso aos estudantes. Só se conhece uma cópia desse panfleto impresso, que nem consta no livro por mim utilizado *Sodoma Divinizada*, mas que consegui através de outro trabalho acadêmico. Foi encontrado também no espólio de Pessoa fragmentos desse panfleto. É possível que Leal tenha desistido de publicar esse panfleto, pois o mesmo se complicaria, já que faz graves insinuações sobre a sexualidade de Pedro Teotónio e os demais estudantes, e poderia até ser processado por difamação.

9 PARA OS SÓRDIDOS ESTUDANTES DE LISBOA

Ele começa o novo panfleto, falando do último panfleto que escreveu, que tinha sido de uma enorme grandeza moral, mas que os estudantes deturparam aquilo que ele tinha escrito, o fazendo parecer uma pessoa sem dignidade e desprezível. Eles fizeram isso transcrevendo somente partes do texto anterior de Leal, fazendo-o parecer baixo, e Leal diz que não há baixeza maior do que isso que eles fizeram. O poeta continua dizendo que até em sua “dignidade puríssima” os estudantes querem mexer, sendo que ele dá mais valor a seu caráter a sua inteligência superior. Que ao invés deles o elevarem, elevarem sua inteligência, eles a deturpam, “pois a lama não pode erguer um astro”.

Aqui Raul Leal faz uma grave acusação para época sobre os estudantes. Ele diz que em sua época de estudante, os estudantes, assim como os que o acusavam, eram *souteneurs* de homens, mas ao menos não teriam coragem de praticar tamanha vilania com ele. Leal fala que esses “Teotónios de merda” foram protestar contra ele logo depois de sair dos quartos dos homens que sustentavam. Ele encerra dizendo que se por acaso eles se cruzarem em alguma esquina, ele tem dois punhos fortes, mas sabe que os estudantes, reles que são, só seriam capaz de ataca-lo pelas costas.

Leal diz que os estudantes é que constituem o futuro, pois o futuro há de ser sórdido.

Aparentemente para substituir o panfleto de Leal, Pessoa escreveu esse panfleto, acredita-se nisso, pois Pessoa fala também na abstração de frases do documento anterior de Leal pelos jovens estudantes, e Fernando Pessoa não voltaria ao assunto se seu amigo já o tivesse feito. Esse manifesto de Pessoa foi enviado pelos correios a psiquiatras, professores, cientistas e governantes. O manifesto que se encontra no livro que eu estou utilizando para fazer minha pesquisa, é diferente do que se encontra no site citado nas referências.

10 SOBRE UM MANIFESTO DE ESTUDANTES

Pessoa começa dizendo que com três coisas não se brinca, pois brincar com elas mostra baixa da alma: os deuses, a morte e a loucura. Ele se refere a Raul Leal como doutor, dizendo que se o autor do manifesto dos estudantes acredita que Raul Leal seja louco, ou não acreditando que ele seja louco, diz que ele é louco só para macular a sua imagem, esse autor é um canalha, pois insulta um louco em público. Pessoa segue, falando num Dr. Artur Leitão, que certa feita escrevera um folheto “antipático”, contra o então presidente do Conselho, João Franco, chamando-o de louco. Pessoa diz que ao menos atacou um homem “que tinha consigo toda a força das autoridades do Estado e da tradição” e que pelo poder que tinha, sendo louco, poder para exercer uma ação nociva.

O poeta continua, dizendo que os estudantes calcularam melhor, já que estão de conluio com o Governo Civil e a revista *Época*, estão seguros, pois podem protestar na imprensa sem medo de dificuldades e assim podem atacar e insultar sem limites. Atacam um homem que não os atacou, segundo Pessoa, um homem que está praticamente sozinho, pois não tem influência nem posição que o torne perigoso. E continua dizendo que os estudantes foram movidos por um folheto que de nada os insultava, que era de uma inteligência superior e altamente digno. Pessoa os chama de “estúpidos e sórdidos”, pois não são capazes de reconhecer uma o talento alheio e ainda diz que a dignidade de Leal parece que os humilha.

Fernando Pessoa continua, dizendo que eles não são eles próprios, mas o ambiente em que os criou. Que são o resultado da combinação entre a Monarquia dos Bragança e a República Portuguesa; são o resultado de uma sociedade católica e jesuítica que os criou, anulando neles o espírito crítico e impregnando-os de “ideias liberais”. Como era de se esperar, se completou a “estagnação da inteligência, com a perversão do caráter e a ruína da ordem”.

E é por isso, que é tão triste esse manifesto dos jovens, já que eles deveriam ter uma inteligência viva e alegre, mas ao contrário, “rastejam na imbecilidade”. Esses jovens, ele continua, deveriam estar pecando somente pela impulsividade, mostrando baixa de caráter, desonestidade da inteligência e os “vícios menos desculpáveis da decrepitude”.

Pessoa, mesmo se dizendo um leigo, faz uma breve análise sobre ideias de perseguição e de grandeza, dizendo que nenhuma das duas serve para provar a paranoia. Há urgência de que

elas se “manifestem de certa maneira, que desenvolvam certo modo, e que nelas e em seu desenvolvimento haja o que se chama sistematização”. Mais uma vez chamando Leal de Doutor, ele diz que não vê em nele esses sintomas, a não ser um pouco de mania de perseguição referente à Igreja Católica, mas que em sua vida cotidiana não se vê resquícios de paranoia ou loucura, e que o manifesto simula a loucura deste, sobretudo literariamente. Pessoa diz que a grande exaltação do orgulho e da personalidade em Leal é que são frequentemente manifestadas, porém, não há como considera-las delírio. E que sua manifestação de orgulho e personalidade, pode ser delírio das “grandezas”.

Pessoa parece querer explicar a “loucura” de Leal, afirmando que o orgulho desmedido, e por ser desmedido doentio de um homem, de um homem de gênio, só tem analogia com o delírio de um megalômano vulgar. Quando um homem de gênio manifesta tamanho orgulho, temos que desculpa-lo, pela nossa razão. E o que se diria, propõe ele, se esse mesmo homem de gênio, manifestasse esse mesmo orgulho, legitimamente, pois, mesmo sem reconhecermos o homem é mesmo um gênio? Certamente o teríamos como louco. Assim, a loucura dos gênios possa não passar de nossa incompreensão. E assim pergunta: “como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido de Dr. Raul Leal não é ilegítimo hoje, só para ter sido sempre legítimo amanhã?” Ele prossegue perguntando se acham mesmo que é loucura esse orgulho, se acham que é capciosa a “demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, **o terceiro reino divino?**”

Pessoa aqui diz que muitos podem ser os sintomas de loucura encontrados em Raul Leal, como muitos sintomas foram encontrados em Jesus Cristo por Dr. Binet-Sanglé.²

Fernando Pessoa vai concluindo seu texto, dizendo que disse o que tinha para dizer, e que concluirá saudando. Primeiro aos estudantes de Lisboa, que um dia possam ter uma vida tão digna, tão nobre como a do homem que estupidamente insultaram. A Raul Leal diz “não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amizade, que não tem limites, mas também da minha admiração pelo seu alto gênio especulativo e metafísico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tê-lo por

² Escritor de *As loucuras de Jesus*, 1910-e aqui ele ironiza dizendo que esse mesmo Jesus Cristo fundou uma religião. Ele continua, falando dos livros de Dr. Binet-Sanglé, *As loucuras de Jesus*, que os três volumes são de uma retidão intelectual e exemplo de decoro clínico e que neles os estudantes podem aprender um exemplo de loucura, e fora deles podem refletir que os loucos que governam o mundo, que “loucos são os heróis, loucos são os santos, loucos são os gênios, sem os quais a humanidade é uma mera espécie animal, cadáveres adiados que procriam”.

companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos diferentes e sozinhos, sob o chasco e o insulto de canalha”.

Assim se encerra o último manifesto da Literatura de Sodoma. É dado pelo mesmo Pessoa que em 1922 inicia este embate de manifestos o último sopro da chamada Literatura de Sodoma. Os estudantes não mais responderam, Raul Leal não mais se ocupou da contenda, e assim findou-se esse capítulo da história da literatura de Portugal.

CONCLUSÃO

Podemos concluir pelos fatos anteriores expostos que a Literatura de Sodoma foi uma página muito importante e pouco explorada na literatura de Portugal. Como também Raul Leal ainda é um autor pouco conhecido por lá e principalmente por aqui, o que seria diferente se essa literatura começasse a ser divulgada. Entretanto, provavelmente não se divulgue até hoje esse tipo de literatura – que é uma literatura de afronta – pelos mesmos motivos daquela época, que são: hipocrisia moral, puritanismo e falta de sensibilidade,.

Fernando Pessoa começou e ele mesmo terminou a contenda. O primeiro folheto foi dele e o último também. Pessoa, o mais famoso personagem dessa disputa, mas que não ficaria famoso por causa dessa disputa. Pessoa ficaria famoso por seu Mensagem, além de seus heterônimos, mas não pela contenda. Em suas biografias virtuais, nada consta sobre esse capítulo da sua história. Capítulo este muito importante, que marcou época, mas que foi imoral demais para colocá-lo nos anais.

Este trabalho pretendia estudar a fundo esta contenda, mas não foi o suficiente e nem o necessário. Há muita coisa ainda por estudar. O material é escasso, pouco existe tanto físico quanto virtual. O trabalho foi cansativo, mas valeu a pena, pela riqueza material dos textos, dos folhetos e da loucura genial dos mestres Fernando Pessoa e Raul Leal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO PESSOA. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/1941>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BARRETO, José. *Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923*. Disponível em: <http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue2/PDF/I2A08.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOTTO, António. **As canções**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1956.

LEAL, Raul. **Sodoma Divinizada**. Organização, introdução e cronologia Aníbal Fernandes. Lisboa: Babel, 2010.